

O professor como mediador ¹

Isa Monteiro Silva Mestranda de Pedagogia Social, UCP

Resumo

O presente texto procura mostrar como os professores, na sua prática educativa, contribuem para transformações positivas no relacionamento e desenvolvimento humanos, assumindo-se como mediadores de aprendizagem.

Reflectindo sobre o conceito de mediação, orientamo-nos para as formas que esta pode assumir em contexto escolar. Na sua relação com o educando, o professor leva-o a despertar para si próprio, para o Outro, para a Vida. A mediação pedagógica levanta questões de ordem ética abordadas sempre no respeito absoluto pela singularidade e especificidade de cada pessoa. Finalmente estas reflexões sugerem-nos pontos coincidentes às Pedagogias Escolar e Social, tendo aqui como referência o contributo profissional do professor aposentado.

L'autre

Celui, celle qui n'est pas de mon bord ou de mon opinion,
Celui qui n'est pas de ma manière de vivre ou de mon âge,
Celui, celle qui n'est pas de ma région ou de mon pays,
de ma race ou de ma couleur de peau,
l'autre, chaque humain, quel qu'il soit, a droit à la vie et au bonheur,
à l'espace et à la liberté ;
chaque humain a droit à une égale dignité.

Charte des droits de l'autre
(Six, Jean-François, 2001).

¹ O texto que agora se apresenta insere-se numa investigação em curso sobre “ Professores aposentados – que papel pedagógico? elaborada sob a orientação de Professora Doutora Isabel Baptista e conducente à dissertação de Mestrado em Pedagogia Social, na Universidade Católica Portuguesa, Porto.

Introdução

A escola é actualmente chamada a ocupar um lugar privilegiado como parceira em novos reptos sociais. É outra dinâmica que se exige, a qual apela ao diálogo, à convivência, à interacção com diferentes locais, momentos, lógicas de aprendizagem, que quebrem atmosferas sufocantes, paralisantes desse sublime projecto humano, que é a educação.

Os professores são convocados para essa tarefa que é contribuir para uma escola crítica, interventiva, aberta ao mundo, capaz de transformar, reinventar saberes que lhe chegam do exterior. Aos professores é exigido que coloquem o seu conhecimento, construído em contextos de Pedagogia Escolar, ao serviço da Pedagogia Social, enquanto disciplina orientada para a intervenção sócio-educativa.

Procuraremos mostrar até que ponto os professores, na sua prática educativa, se assumem como professores mediadores de aprendizagem, dando corpo a formas de mediação, contribuindo para transformações positivas no processo de desenvolvimento humano.

Mediação de aprendizagem

Entendemos mediação de aprendizagem como acção, prática social, pretendendo ligar, criar novos laços, mudar campos pretensamente separados ou em dissonância. A mediação surge, assim, como potenciadora de encontro, comunicação, diálogo. Numa perspectiva ampla, mais abrangente, diremos mesmo que a acção mediadora pode, deve criar relações verdadeiras, de partilha, duradoiras no tempo e no âmago de cada pessoa ou instituição envolvida. A prática mediadora é sempre um acto de intermediário, de um terceiro, estratégico e de intervenção.

Como podemos analisar a mediação em contexto escolar, do lado do professor?



O professor mediador

O professor, no exercício da arte de relação com o educando, é por natureza um mediador: mediador entre o conhecimento e o educando, arquitecto de pontes entre saberes e pessoas. Esta é, desde os primórdios do professorado, em tempos remotos, a primeira missão do mestre. Mas as múltiplas tarefas a que o professor é actualmente convocado, os objectivos vastos e ambiciosos que o professor é impelido a atingir, na contribuição para o desenvolvimento humano, fazem dele um mediador entre o educando e a própria vida. Segundo Fernando Savater, a educação é o mais humano dos propósitos humanos. A humanidade, que nos vemos obrigados a completar ao longo da vida, desenvolve-se no contágio e em interacção com o Outro. Esse Outro é tantas vezes o professor, aquele que partilha o seu saber, que ensina os que querem aprender. É a aprendizagem, só possível com outros humanos mais próximos da humanidade plena.

Qual o significado da afirmação “o professor mediador”? Não se restringe à mediação educando / conhecimento.

Parece-nos ser muito mais ampla, como referimos, na medida em que “fomenta” a própria vida, logo a busca e construção da humanidade. Parecendo-nos clara a primeira noção de professor mediador – aluno/conhecimento – essa consciência é, no entanto, actual. Com efeito, só no fim do séc. XX é atribuído um papel novo aos mediadores, em diferentes campos, apesar da mediação ter a idade do Homem.

Segundo Six, J.F. “pode nomear-se a década de 80 como a da mediação”. Ainda segundo o mesmo autor, o mundo, apesar de se viver na era das telecomunicações, nunca sofreu tanto de incomunicabilidade, de medos perante a diferença, de pânico face ao problema que pode representar o Outro. É esta aparente contradição (já que afirmámos que só nos educamos com e pelo Outro), que apela à mediação. O papel do mediador será o de contribuir para que cada um se comprometa com a Vida, construa a sua liberdade, se fascine com a diversidade humana. Desafiara cada educando no sentido da perfectibilidade, na medida em que todo o professor se rege, acredita no princípio da educabilidade.

Podemos também ver o professor como gestor de conflitos, construtor de harmonia, aquele que ajuda a ter Esperança. Segundo Six, J.F. “a mediação pode tornar-se a grande inovação social e política que estará no coração da vida dos futuros homens”.

A mediação é encarada como significativa dos tempos actuais, uma mais-valia, pese embora o facilitismo com que se recorre à palavra, como remédio para muitos males. Confundida por muitos como sinónimo de negociação, parece-nos que a mediação tem uma autonomia própria, distinta também da simples resolução de conflitos.

Na sua acção educativa, o professor é muitas vezes confrontado com conflitos entre os seus educandos ou entre estes e respectivas famílias, para enumerarmos somente algumas situações. Não negamos que o conflito possa ser motor de transformação, nomeadamente no desenvolvimento humano. Com efeito, toda a criança tem necessidade de se debater com contrariedades para se tornar ela própria um adulto. Um conflito vivido, ultrapassado, resolvido, é a passagem para uma melhor relação com o Outro. É a violência que perverte o conflito, carregando de negro, alterando valores de sã convivência, solidariedade, cidadania. Na prática pedagógica os professores deverão estar atentos, assumindo-se como construtores de harmonia.

No entanto a mediação não existe somente na resolução de conflitos, mas principalmente na sua antecipação e na criação de uma ambiente de inter-ajuda, respeito pelo Outro.

Ser mediador

Tal como diz Jean François Six, não existe mediação sem mediador, sem terceira pessoa. É esse terceiro que estabelece as pontes, que cria dinâmicas capazes de reinventar lugares de verdadeira proximidade. Também só existe mediação na medida em que as partes envolvidas reconhecem e aceitam o mediador. Este deverá ser isento e exercer a sua função com base na sua autoridade moral, respeitado pelos envolvidos, no respeito absoluto pela pessoa que habita cada um, sem recurso à força, pressão ou coerção.

Durante a investigação que temos em curso, tivemos a oportunidade de ir ao encontro da pessoa do professor de Matemática Dr. António Augusto Lopes, aposentado desde 1984 do ensino secundário e desde então a exercer na universidade Portucalense. A riqueza do seu testemunho leva-nos a citá-lo, hoje, nesta reflexão, conscientes da sabedoria de um professor que fez, faz do ensino/educação a razão da sua vida. Fascinemo-nos com as suas palavras:



A fragilidade do professor, como a da sua profissão, não foi, nem está eliminada: com novas transformações sociais, confronta-se o (ser) professor, com o (ser) educador, o segundo mais forte.

Consequentemente, o professor, hoje sente que ética profissional e identidade pessoal exigem a aceitação de cada vez mais exigentes responsabilidades sociais e lançamento, entrada, em órbita de formação permanente (leia-se ao longo de toda a vida).

O processo de aprendizagem de cada pessoa, que se pretende permanente, só se desenvolverá no respeito absoluto pela singularidade de cada um desses processos, que constituem o projecto de vida de cada ser humano. Estão levantadas as questões de ordem ética.

Dimensão ética do mediador

Numa perspectiva humanista, que valoriza profundamente a dignidade da pessoa humana, a educação deverá ajudar a encontrar um sentido para a vida, na liberdade, na tolerância, na solidariedade, na justiça.

Educar é um acto eminentemente axiológico, não se educando sem alusões a valores, segundo Isabel Baptista. Há valores que devem tornar as pessoas conscientes da realidade em que vivem os outros, os seus semelhantes, isto é, há que aprender a ver com sensibilidade a vida dos que nos rodeiam.

A promoção e protecção dos direitos das pessoas são responsabilidade de cada um de nós, projecto permanente de construção e criação. Enquanto professores, pensamos que a nossa presença deve ser um factor determinante para o desenvolvimento desse projecto.

Retomemos o testemunho:

Reforçado, mas não seguro, o professor tem novo papel, novos desafios.

Neste jogo professor/educador, à medida que seja possível determinar as fronteiras da educação, e no tempo em que se requer “escola para todos, todos na escola”, é de prever (é desejável) o regresso às origens:

- o professor é mestre da oficina;
- corrige e orienta, não humilha;
- sabe fazer, mas acompanha o fazer;
- sendo diferente, é igual.
- a escola é lugar de procura, não de obrigação.

E o professor é...(que mais?)

-companheiro amigo; pai/mãe; conselheiro, confidente...

Síntese: a escola é o local e o professor é o agente da forja chamada cidadania.

Pensamos que estas palavras evidenciam de forma profundamente humana, esse desejo de impelir à construção do projecto, que é o desenvolvimento da pessoa que habita cada educando.

A ética que rege o professor enquadra-se na do mediador em geral, já que é regulada por um humanismo que encara, respeita e promove a vida humana em toda a sua dimensão e plenitude. O olhar para o Outro é sempre acreditando na sua singularidade e especificidade, conscientes de que com ele podemos aprender e enriquecermo-nos como pessoas. A promoção de valores como o respeito pela pessoa, a solidariedade, responsabilidade social, inerentes às funções da escola, ficará profundamente enriquecida com o diálogo entre gerações.

Quando chega a aposentação um professor sente, antes de mais nada, a fragilidade da sua condição humana. A usura do tempo, tornada a lei de ouro de “nova etapa de vida” aponta o caminho aos professores; cada caso é um caso, face ao equilíbrio do binário corpo/mente...

Se existe este equilíbrio o professor aceita (por vontade própria, não por obrigação) e então o seu papel será o de transformar a sua energia potencial acumulada em diversificadas formas de energia cinética.

Onde quer que seja, não ocupará o lugar de outrem - o seu lugar, a existir, será o que chegar pela mão dos outros.

A ser assim, o professor pode estar presente na sua escola, no relacionamento da sua escola com outras escolas ou outras instituições, cooperando com o poder autárquico.

Os professores aposentados não poderão ser, por excelência, mediadores de aprendizagem, construtores de elos entre o passado, o presente, o que se conhece e o futuro e o desconhecido?



Conclusão

Ajudar os outros a desenvolver o sentido da Vida, levando-os a crescer interiormente e abrir-se para o exterior é actividade própria do professor. Nas suas funções, quer seja na simples leccionação, quer em momentos tão distintos como trabalhos de grupo, investigações, visitas de estudo com os seus educandos, em contactos com as famílias ou ainda em reflexão conjunta com outros colegas, o professor surge como um impulsionador da partilha, de lugares de harmonia, saberes, acolhimento, isto é, do encontro humano.

Poder-se-á questionar se a formação do professor deve ser reforçada. Parece-nos que esta componente relativa à mediação, é inerente à própria formação e posterior evolução de cada professor. Nas palavras de António Nóvoa, o importante é valorizar duas competências: a de organizador do trabalho escolar e a compreensão do conhecimento (científico, pedagógico e didáctico). Será o entrelaçar de saberes da Pedagogia Escolar com olhares da Pedagogia Social, que poderá contribuir para uma efectiva mediação pedagógica.

Referências bibliográficas

Baptista, Isabel. (2005). Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético. Porto: Profedições, Lda.

Carneiro, Roberto. (2001). Fundamentos da Educação e da Aprendizagem (2a ed.). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Carvalho, A. D. & Baptista, I.. (2004). Educação Social: Fundamentos e estratégias. Porto: Porto Editora.

Delors, Jacques. (2001). Educação um tesouro a descobrir (7a ed.). Porto: Edições ASA.

Nóvoa, António. (2006). O professor pesquisador e reflexivo. Retirado a 6 de Janeiro 2006 de www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm

Savater, Fernando. (2004). El valor de educar. (18ª.). Barcelona: Editorial Ariel.

Six, Jean-François. (2001). Le Temps des médiateurs. Paris : Éditions du Seuil